NOTA DA TRADUTORA

Em Portugal não existe racismo.

Esta é a afirmação que permeia a consciência de muitos portugueses, defendida nas conversas de café e nos manuais escolares da História que se ensina às crianças. No entanto, as experiências de uma parte significativa da população e as tendências do nosso setor literário atestam precisamente o contrário. Na época da globalização, em que se vê ampliada a urgência das conversas sobre diversidade étnico-racial, o mercado literário português permanece estagnado numa predisposição maquinal a tendências de publicação hegemónicas, que se traduzem, entre outras problemáticas, numa escassez de obras com autoria e representação negra. É por isso que livros como *Lendários* são tão importantes.

Bree, a protagonista, incorpora de forma exímia aquilo que nós, mulheres negras, vivenciamos no nosso quotidiano — a consciência de uma sociedade que nos rejeita e de um tipo de preconceito velado que nos agride diariamente com uma intensidade quase imperceptível. Mas mais do que isso, Bree representa um louvor às mulheres negras, uma celebração da força, da resiliência, da beleza e da magia de uma comunidade cuja perceção muitas vezes se confina a uma narrativa de opressão e violência que, apesar de factual, não constitui a totalidade da sua existência.

E no que a existência diz respeito, a autora apresenta-nos um elenco de personagens incrivelmente diverso. Além de uma protagonista negra, temos personagens asiático-americanas, lésbicas, bissexuais e uma personagem não-binária, à qual gostaria de dedicar algumas linhas desta nota.

A não-binariedade é um termo que abrange identidades de género fora do espetro binário, ou seja, que não são estritamente femininas ou masculinas. Não é algo especificamente adereçado ou explicado na história, mas ilustrado através de uma expressão de género assente no uso dos pronomes *they/them* que, na língua inglesa, são considerados pronomes pessoais de terceira pessoa do singular neutro de género. Ora, não estando equacionado na língua portuguesa um sistema de pronomes de género neutro, e perante a necessidade de dignificar uma personagem, também ela tão importante para a representação de uma comunidade marginalizada, tomei a decisão de, em todas as ocorrências individuais da personagem em questão, recorrer ao Sistema Elu/Delu, um conjunto de propostas para a inclusão de um género gramatical neutro na língua portuguesa, utilizado como padrão pela Associação Portuguesa de Jovens LGBTI e apoiantes da Rede Ex Aequo. Neste sistema, além do uso do neopronome «elu», às palavras com flexão de género é aplicado, no final, o morfema «-e». Assim, palavras como «simpático» ou «nervoso» ficarão «simpátique», «nervose» e assim por diante.

Todas estas decisões foram precedidas por um longo processo de profunda reflexão, mas, sobretudo, pela determinação pessoal de trabalhar para um setor literário mais inclusivo. É na nomeação que se concretiza a existência, e ao não incluirmos estas subtilezas na nossa linguagem quotidiana, apenas contribuímos para a invalidação de uma comunidade que apenas quer existir.

ELGA FONTES

PRÓLOGO

O corpo do polícia torna-se um borrão e depois volta a ficar nítido.

Não olho diretamente para ele. Não me consigo concentrar numa única coisa nesta sala, mas quando finalmente o encaro, o rosto dele brilha.

O crachá, uma placa retangular com o nome, o alfinete de gravata… Todos os pequenos detalhes metálicos que tem no peito vibram e cintilam como trocos no fundo de uma fonte. Nada nele me parece sólido. Nada nele me parece real.

Mas não penso nisso. Não posso.

Além disso, quando se está a chorar há três horas seguidas, tudo parece saído de outro mundo.

O polícia e a enfermeira trouxeram-me e ao meu pai para uma sala minúscula verde-menta. Estão sentados do outro lado da mesa. Dizem que nos estão a «explicar a situação». Estas pessoas não me parecem reais e a «situação» que insistem em explicar também não.

Não estou a chorar pela morte da minha mãe. Nem por mim mesma. Estou a chorar porque os estranhos que estão aqui no hospital — a enfermeira, o médico e o polícia — não conhecem a minha mãe e, ainda assim, foram os que estiveram mais próximos dela quando morreu. E, quando as pessoas de quem gostas morrem, és obrigada a ouvir as palavras de estranhos a transformar o teu pesadelo em realidade.

— Encontrámo-la na Estrada 70, por volta das oito — diz o polícia.

O ar condicionado começa a funcionar. O cheiro pungente a sabonete de hospital e a desinfetante esbarra contra os nossos rostos.

Oiço estas pessoas que não conheço a falar no pretérito perfeito sobre a minha mãe, a pessoa que me trouxe a este mundo e que criou o meu

presente. Estão a transformar o meu coração num pretérito perfeito — o meu coração sangrado e dilacerado —, mesmo à minha frente.

É uma *violação*.

Estes estranhos de uniforme rasgam-me com as suas palavras, mas estão apenas a fazer o seu trabalho. Não posso gritar com pessoas que estão apenas a fazer o seu trabalho, pois não?

Quero fazê-lo.

O meu pai está sentado numa cadeira acolchoada de plástico que range quando se inclina para a frente para ler parágrafos de letras miudinhas em folhas de papel. De onde veio esta papelada? Quem tem papelada pronta para a morte da minha mãe? Porque é que eles estão prontos e *eu* não?

O meu pai faz perguntas, assina o nome dele, pestaneja, respira, assente. Pergunto-me como consegue reagir. A vida da minha mãe parou. Não deveria o resto do mundo parar também?

Foi esmagada dentro da nossa carrinha, o corpo meio amassado por baixo do painel depois de um embate. O outro condutor fugiu. Ela ficou sozinha até que um simpático, e provavelmente assustado, bom samaritano viu o carro capotado na berma da estrada.

Um fio vermelho-sangue liga as últimas palavras que disse à minha mãe — ontem à noite, zangada — numa outra noite, em fevereiro. Uma noite em que eu e a minha melhor amiga, a Alice, sentadas na cave da casa de dois andares dos pais dela, decidimos que o Programa de Admissão Antecipada da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill era o nosso sonho. *Alunos de excelência do secundário podem adquirir créditos universitários ao longo de dois anos, experienciar a vida nas residências e tornar-se independentes.* Pelo menos era o que dizia a brochura. Para mim e para a Alice, a Admissão Antecipada era o bilhete de saída de uma cidade rural na Carolina do Norte para duas raparigas pertencentes a minorias. Para nós, a Admissão Antecipada significava ideias e salas de aula maiores — e *aventura*. Preenchemos a candidatura juntas. Caminhámos juntas até ao posto dos correios de Bentonville depois das aulas. Juntas, deixámos os envelopes na caixa do correio. Se conseguíssemos entrar na UCN, poderíamos deixar a Escola Secundária de Bentonville e mudar-nos para uma residência da universidade a

quatro horas de casa — longe de pais que nos protegem tanto que por vezes não conseguimos respirar.

Uma década antes de eu nascer, a minha mãe estudou na UCN. Uma cientista em ascensão. Ouvi as histórias durante anos. Vi as fotografias emolduradas de experiências químicas complexas: provetas e pipetas de vidro; óculos de proteção pousados sobre as suas maçãs do rosto salientes. A culpa foi dela por me ter plantado a ideia na cabeça. Pelo menos era o que dizia a mim mesma.

As nossas cartas chegaram ontem. Os pais da Alice sabiam que ela se tinha candidatado. Ficaram radiantes, como se tivessem sido *eles* a ser aceites.

Eu sabia que não ia ser assim comigo; candidatei-me às escondidas da minha mãe, certa de que, assim que entrasse, assim que recebesse aquela carta, ela renunciaria à sua necessidade de me manter por perto. Entreguei-lhe a carta em papel timbrado azul e branco da UCN, sorrindo como se fosse um troféu.

Nunca a tinha visto tão zangada.

O meu cérebro não se conforma com o lugar onde o meu corpo está neste momento. Cataloga as últimas trinta e seis horas, tentando entender *como* vim parar a esta sala de hospital.

Ontem à noite: a minha mãe pregou sobre confiança e segurança e sobre não ter pressa para crescer. Eu gritei-lhe sobre injustiça, sobre aquilo que merecia e sobre como precisava de me afastar daquele lugar.

Esta manhã: ainda estava ressentida quando acordei. Na cama, declarei em silêncio que não lhe falaria o dia todo. Aquela declaração soube-me bem.

Hoje: nada, uma terça-feira normal, exceto que, para mim, carregava a teimosia implícita de um *falamos depois*.

Esta noite: a minha mãe veio a conduzir para casa quando saiu do trabalho.

Depois: um carro.

Agora: esta sala verde-pálida e um cheiro a desinfetante que me queima as narinas.

Para sempre: *falamos depois* não é o mesmo que *nunca mais vamos falar*.

O fio de fevereiro estreita-se à minha volta, como se eu nunca mais fosse respirar, mas, de alguma forma, o polícia ainda está a falar, a brilhar e a cintilar.

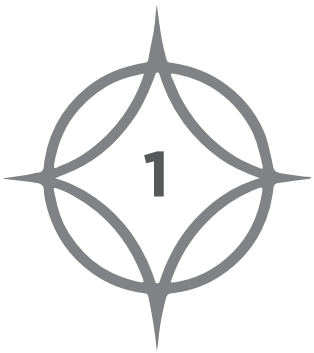
O ar à sua volta parece vivo. Como se abundasse em magia.

Mas quando o teu mundo inteiro se está a desmoronar, um bocadinho de magia… não é nada.

TRÊS MESES DEPOIS

PARTE UM

ORDEM



Um caloiro da UCN corre pela escuridão e atira-se de um penhasco em direção à noite banhada pelo luar.

O seu grito faz os pássaros sonolentos levantar voo. O som ecoa contra as rochas que delimitam a pedreira Eno. As lanternas acompanham o movimento do seu corpo, os braços a agitar e as pernas aos pontapés, até atingir a água com um estrondo. Na beira do penhasco, mais acima, trinta universitários gritam e aplaudem, e a sua animação reverbera pelos pinheiros. Como uma constelação em movimento, feixes de luz em forma de cone cruzam a superfície do lago. Um suster de respiração coletivo. O olhar atento. À espera. Depois, o rapaz emerge da água com um rugido e a multidão explode.

Saltar de penhascos é a fórmula de diversão perfeita para um rapaz branco do sul da Califórnia: imprudência rural, uma lanterna de bolso para proteção e um jogo de verdade ou consequência. Não consigo desviar o olhar. Cada corrida aproxima os meus pés mais uns centímetros da beira. Cada salto em direção ao vazio, cada pairar antes da queda alimenta no meu peito uma centelha de desejo selvagem.

Reprimo esse desejo. Fecho-o a sete chaves. Tapo-o com tábuas de madeira.

— Muita sorte teve ele por não ter partido as pernas — resmoneia Alice no seu sotaque melífluo. Escarnece, espreitando por cima da beira para ver o saltador sorridente a agarrar-se a rochas aguçadas e trepadeiras expostas para escalar. O seu cabelo liso e preto como carvão está colado à têmpora. A palma quente e pegajosa da humidade de final de agosto faz-nos pressão na pele. Os meus caracóis já estão presos num *puff*[1],

[1] Estilo de penteado para cabelo crespo ou com textura afro, semelhante a um coque. (*N. da T.*)

o mais afastados possível da minha nuca, por isso ofereço-lhe o elástico a mais que tenho no pulso. Ela aceita-o em silêncio e faz um rabo de cavalo. — Estive a ler sobre esta pedreira no caminho. Há sempre alguém que se magoa, que cai nas rochas e que se afoga. Podes ter a certeza de que não vamos saltar, *e também* já está a ficar tarde. Devíamos ir andando.

— Porquê? Porque os mosquitos não te largam?

Enxoto algo pequeno a zumbir perto do seu braço.

Ela olha-me fixamente.

— Sinto-me insultada por essa tua fraca tentativa de desviar a conversa. Não é assim que se comporta uma melhor amiga. Estás despedida.

Alice quer tirar Sociologia e, depois, talvez, Direito. Faz-me interrogatórios desde os dez anos.

Reviro os olhos.

— Já me despediste do cargo de melhor amiga umas cinquenta vezes desde que éramos crianças, *e mesmo assim* acabas sempre por me readmitir. Este trabalho é uma treta. Os Recursos Humanos são um pesadelo.

— *E mesmo assim* tu voltas sempre. Só prova, ainda que circunstancialmente, que gostas do trabalho.

Encolho os ombros.

— O salário é bom.

— Tu *sabes* porque é que não gosto disto.

Sei. Não é como se eu tivesse *planeado* infringir a lei na nossa primeira noite no *campus*, mas, depois do jantar, a oportunidade surgiu materializada na Charlotte Simpson, uma rapariga que conhecemos da Escola Secundária de Bentonville. Charlotte enfiou a cabeça dentro do nosso quarto ainda antes de acabarmos de desfazer as malas e exigiu que a acompanhássemos numa saída à noite. Após dois anos no Programa de Admissão Antecipada, este ano, Charlotte tornou-se finalmente aluna oficial da UCN, e, ao que parece, algures pelo caminho, passou a ser presença assídua em todas as festas.

Durante o dia, o Parque Estatal do rio Eno fica aberto para quem quiser caminhar, acampar e andar de caiaque, mas se se infiltrarem após o fecho dos portões, tal como todos os jovens daqui, provavelmente-ou-definitivamente tal será considerado invasão de propriedade. Não é bem a minha cena, mas Charlotte explicou que a noite da véspera do

primeiro dia de aulas é especial. Alguns caloiros e veteranos têm a tradição de organizar uma festa na pedreira. Outra tradição é os alunos do primeiro ano saltarem do penhasco para o lago de água mineral. O parque abrange os condados de Orange e Durham, e fica a norte da I-85, a cerca de vinte e cinco minutos do *campus* da UCN. Charlotte trouxe-nos até aqui no seu velho jipe prateado e eu passei a viagem inteira a sentir a Alice a encolher-se ao meu lado, no banco de trás, por estarmos prestes a fazer algo ilegal.

A gargalhada desenfreada do saltador emerge no penhasco antes da sua cabeça. Não me consigo lembrar da última vez que me ri assim.

— Não gostas disto porque é — diminuo o tom de voz para um sussurro dramático — *contra as regras*?

Os olhos escuros de Alice esbraseiam por trás dos óculos.

— Se formos apanhadas fora do *campus* durante a noite, somos *automaticamente* expulsas do Programa de Admissão Antecipada.

— Tem lá calma, Hermione. A Charlotte disse que muitos estudantes fazem isto todos os anos.

Um outro saltador corre pela floresta. Um mergulho mais profundo. Gritos eufóricos. Alice aponta com o queixo para os outros alunos.

— Isso são eles. Explica-me porque é que *tu* queres estar aqui?

Porque neste momento não sou capaz de ficar sentada no nosso quarto. Porque, desde que a minha mãe morreu, tenho aqui dentro uma versão de mim que só quer partir coisas e gritar.

Encolho os ombros.

— Há melhor forma de começarmos a nossa aventura do que com uma *pitada* de rebeldia?

Ela não parece achar graça.

— Alguém disse rebeldia? — As botas de Charlotte esmagam folhas e agulhas de pinheiro. O som pungente destaca-se do zumbido dos grilos e dos graves das colunas de som da festa que pulsam na nossa direção. Detém-se ao meu lado e afasta o rabo de cavalo castanho-avermelhado do ombro. — Vão saltar? É tradição. — Sorri. — E é divertido.

— Não. — A palavra quase salta da boca de Alice.

Devo ter feito algum tipo de careta, porque Charlotte ri-se e Alice diz:

— Bree…

— Não vais tirar Medicina ou algo assim, Charlotte? — pergunto. — Como é que consegues ser tão inteligente *e*, ao mesmo tempo, tão má influência?

— Estamos na universidade — responde Charlotte com um encolher de ombros. — «Inteligente e má influência» descreve cerca de metade do corpo estudantil.

— Char?

Uma voz masculina chama por detrás de um azevinho disforme. Charlotte abre um sorriso de orelha a orelha ainda antes de se virar e ver o rapaz ruivo a vir na nossa direção com um copo de plástico vermelho numa mão e uma lanterna na outra.

— Olá, amor — ronrona Charlotte, e cumprimenta-o com um beijo, entre risinhos.

— *Char?* — sussurro a Alice, que ostenta uma expressão de repulsa.

Quando se separam, Charlotte acena para nós.

— Amor, estas são as novas caloiras do Programa de Admissão Antecipada. São da minha cidade. A Bree e a Alice. — Agarra-se ao braço do rapaz como um coala. — Meninas, este é o meu namorado. Evan Cooper.

Evan examina-nos durante algum tempo e pergunto-me o que pensará sobre nós.

Alice é taiwanesa-americana, baixa, magra, mas com ar forte, um olhar observador, e carrega quase sempre um sorriso de desdém no rosto. O seu *modus operandi* consiste em vestir-se para causar boa impressão «só por precaução», e hoje optou por umas calças de ganga escuras e uma camisa às bolinhas com um colarinho à Peter Pan[2]. Sob o escrutínio de Evan, ajeita os óculos arredondados e acena timidamente.

Eu tenho pouco mais de um metro e setenta — altura suficiente para passar por aluna universitária — e sou negra. Abençoada com as maçãs do rosto e curvas da minha mãe, e os lábios avolumados do meu

[2] Um tipo de colarinho com duas extremidades arredondadas que se estendem pela linha do pescoço. Ficou popularizado em 1905, após ter sido desenhado por John White Alexander em colaboração com a sua mulher, Maude Adams, para a produção da peça Peter and Wendy. (*N. da T.*)

pai. Escolhi usar umas calças velhas e uma *T-shirt*. A timidez não é a minha cena.

Os olhos de Evan arregalam-se quando me observa.

— És a rapariga a quem morreu a mãe, não és? A Bree Matthews?

Sou invadida por uma pontada de dor e volto a erguer a barreira ao meu redor. A morte cria um Universo alternativo, mas, volvidos três meses, já tenho as ferramentas necessárias para o habitar.

Charlotte dá uma cotovelada nas costelas de Evan, lançando-lhe um olhar cortante.

— O que foi? — Levanta as mãos. — Foi o que tu me diss…

— Desculpa — interrompe-o ela, o olhar contrito.

A minha barreira opera de duas formas: esconde aquilo que preciso de esconder e ajuda-me a mostrar aquilo que quero mostrar. É particularmente útil com a multidão do *Os Meus Pêsames*. Na minha cabeça, a barreira foi reforçada. Tornou-se mais forte do que madeira, ferro, aço. Tem de ser, porque sei bem o que se segue: Charlotte e Evan vão soltar o fluxo previsível de palavras que todas as pessoas dizem quando percebem que estão a falar com a Rapariga a Quem Morreu a Mãe.

É uma espécie de Bingo de Consolar as Pessoas de Luto, só que quando todos os espaços são preenchidos, toda a gente perde.

Charlotte endireita-se. *Cá vamos nós*…

— Como é que te tens aguentado? Há alguma coisa que possa fazer por ti?

Linha dupla.

As respostas sinceras a estas duas perguntas? As *realmente* sinceras? *Mal* e *Não*. Em vez disso, respondo:

— Estou bem.

Ninguém quer ouvir as respostas sinceras. O que a multidão do *Os Meus Pêsames* quer é sentir-se bem por fazer as perguntas. Este jogo é horrível.

— Nem consigo imaginar — murmura Charlotte, e esse é mais um espaço preenchido na cartela de bingo. Eles *conseguem* imaginar. Só não o querem fazer.

Há verdades que apenas a tragédia pode ensinar. A primeira que aprendi foi que quando as pessoas se debruçam sobre a tua dor, querem que a tua dor também se debruce sobre elas. Precisam de ser suas *testemunhas* em tempo real, ou então não estarás a cumprir a tua parte. Os olhos azuis sedentos de Charlotte estão em busca das minhas lágrimas, do estremecer do meu lábio inferior, mas a minha barreira está erguida, por isso não encontrará nenhum dos dois. O olhar ávido de Evan anda à caça do meu luto e sofrimento, mas quando ergo o queixo em tom de desafio, ele desvia o olhar.

Boa.

— Lamento muito a tua perda.

Porra.

E com as palavras que mais abomino, Evan faz bingo.

As pessoas perdem coisas quando têm um lapso mental. Depois encontram a coisa que perderam no lugar onde se esqueceram que a tinham deixado. Mas a minha mãe não está *perdida*. Ela morreu.

A Bree-de-Antes também morreu, apesar de eu fingir que ela ainda existe.

A Bree-de-Depois nasceu no dia a seguir à morte da minha mãe. Fui dormir e quando acordei ela estava lá. A Bree-de-Depois estava lá durante o funeral. A Bree-de-Depois estava lá quando os nossos vizinhos bateram à porta para nos oferecer lamentos e uma caçarola de brócolos. A Bree-de-Depois estava comigo quando eles finalmente se foram embora. Apesar de apenas ser capaz de recordar fragmentos nebulosos do hospital — perda de memória associada ao trauma, de acordo com o livro estranho sobre luto do meu pai —, ainda tenho a Bree-de-Depois. Ela é a lembrança indesejada que a morte me deixou.

Na minha mente, a Bree-de-Depois é parecida comigo. Alta, atlética, pele negra formosa, ombros-demasiado-largos-para-o-meu-gosto. Mas enquanto os meus caracóis escuros e fechados estão normalmente presos no topo da minha cabeça, os da Bree-de-Depois são livres e soltos como um carvalho vivo. Enquanto os meus olhos são castanhos, os dela são ocre-escuro, carmesim e obsidiana de ferro fundido numa fornalha, porque a Bree-de-Depois vive num estado constante de quase combustão. O pior é à noite, quando me rasga a pele e a dor se torna

insuportável. Sussurramos juntas, *Desculpa, Mãe. É tudo culpa minha.* Ela vive e respira dentro do meu peito, pulsação por detrás da minha própria vida e fôlego, como um eco de ira.

Contê-la é um trabalho a tempo inteiro.

Alice não sabe da Bree-de-Depois. Ninguém sabe. Nem mesmo o meu pai. *Sobretudo* o meu pai.

Alice aclara a garganta e o som é como uma onda a embater contra os meus pensamentos. Durante quanto tempo me perdi em devaneios? Um minuto? Dois? Concentro-me neles os três, o rosto inexpressivo e a barreira erguida. O silêncio deixa Evan desconfortável, por isso dispara:

— Já agora, o teu cabelo é *muito* fixe!

Não preciso de olhar para saber que os caracóis que saem do meu *puff* estão desalinhados, arrebitados em direção ao céu com a humidade da noite. Aquilo irrita-me porque o seu tom parece-se menos com um elogio e mais como se tivesse deparado com uma extravagância divertida — e essa extravagância divertida sou eu, uma mulher negra com o seu cabelo de mulher negra. Fantástico.

Alice lança-me um olhar solidário que passa completamente ao lado de Evan, como seria de esperar.

— Acho que está na nossa hora. Podemos ir?

Charlotte faz beicinho.

— Só mais meia hora, prometo! Quero ver como está a festa.

— Sim! Venham ver-me a virar umas cervejas. — Evan passa o braço por cima dos ombros da namorada e afasta-se com ela antes que tenhamos tempo de protestar.

Alice resmunga por entre os dentes e segue atrás deles, dando passadas largas sobre ervas daninhas à beira da linha da floresta. Essencialmente gramíneas e *Brachiaria*. A minha mãe chamava àquilo «erva-bruxa» e «pulga-de-cavalo» quando ainda estava viva e me podia ensinar o nome das plantas.

Alice já está quase nas árvores quando repara que não estou atrás dela.

— Vens?

— Vou já. Quero ver mais alguns saltos. — Aponto com o polegar para o lago atrás de mim.

Ela volta a aproximar-se.

— Eu espero contigo.

— Não, não é preciso. Vai indo.

Ela escrutina-me, indecisa entre acreditar na minha palavra e continuar a insistir.

— Ver, não saltar?

— Ver, não saltar.

— Matty…

A alcunha de infância que ela me deu. Matty, diminutivo do meu apelido, faz revirar algo profundo no meu peito. Ultimamente, as recordações antigas têm causado esse efeito, mesmo as que não são sobre *ela*, e acho que o detesto. A minha visão torna-se enevoada com a iminência das lágrimas e tenho de pestanejar até conseguir focar as feições de Alice — rosto pálido, óculos perpetuamente a escorregar até à ponta do nariz.

— Eu… eu sei que não foi assim que imaginámos que seria. Estar na UCN, quero dizer. Mas… acho que a tua mãe iria acabar por concordar. Mais cedo ou mais tarde.

Lanço o olhar até onde a luz da Lua me permite. Do outro lado do lago, as copas das árvores são a franja obscura entre a pedreira e o céu nebuloso.

— Nunca saberemos — digo.

— Mas…

— Há sempre um «mas».

Algo duro apodera-se da sua voz.

— Mas se ela cá estivesse, não creio que quisesse que tu… que tu…

— Que eu o quê?

— Que te tornasses noutra pessoa.

Pontapeio uma pedrinha.

— Preciso de ficar sozinha. Aproveita a festa. Vou lá ter mais tarde.

Ela observa-me como se estivesse a analisar o meu estado de humor.

— Odeio festas pequenas. Obrigam as pessoas a um esforço constante.

Estreito os olhos, revirando as minhas memórias em busca daquelas palavras familiares.

— Tu… tu acabaste de me citar uma frase da Jane Austen?

Os seus olhos escuros brilham.

— Quem é a croma dos livros? A que faz a citação ou a que reconhece a citação?

— Calma. — Abano a cabeça, divertida. — Acabaste de me citar *A Guerra das Estrelas*?

— Nã. — Sorri. — Citei *Uma Nova Esperança*.

— Vêm ou não?

A voz de Charlotte dispara pela floresta como uma flecha. Ainda há um pingo de preocupação no olhar de Alice, mas ela aperta-me a mão antes de se afastar.

Assim que deixo de ouvir o barulho dos seus sapatos na vegetação rasteira, solto a respiração. Tiro o telemóvel do bolso.

Ei, miúda, tu e a Alice chegaram bem?

A segunda mensagem chegara quinze minutos depois.

Eu sei que tu és a nossa Bree Destemida, que estava pronta para sair de Bentonville, mas não te esqueças de nós aqui em casa. Deixa a tua mãe orgulhosa. Liga-me quando puderes. Com amor, Pai.

Volto a guardar o telemóvel no bolso.

Eu *estava* pronta para sair de Bentonville, mas não por ser destemida. Primeiro quis ficar em casa. Parecia-me o mais correto, depois de tudo o que aconteceu. Mas os meses a viver debaixo do mesmo teto que o meu pai tornaram a minha culpa insuportável. O nosso luto é pela mesma pessoa, mas o nosso luto não é o mesmo. É como aqueles ímanes das aulas de Física; podes tentar juntar os polos magnéticos, mas eles nunca se tocam. Eu não consigo tocar no luto do meu pai. E nem o quero fazer. No fim de contas, saí de Bentonville porque estava demasiado assustada para ficar.

Caminho ao longo da encosta, longe da multidão, e mantenho a pedreira à minha esquerda. Os aromas a pinho e terra molhada intensificam-se a cada passo. Se inalar com força, o cheiro mineral da pedra moída alcança a parte de trás da minha garganta. Uns centímetros mais à frente, a terra desaparece sob os meus pés e o lago estende-se ao longe, refletindo o céu e as estrelas e as possibilidades da noite.

Daqui consigo ver o cenário dos saltadores: o que quer que tenha clivado a terra e as rochas para formar a pedreira abriu um buraco num

ângulo de trinta graus. Para escapar à face rochosa, é preciso correr depressa e saltar longe. Não há lugar para hesitações.

Imagino-me a correr como se a Lua fosse a minha meta. A correr como se pudesse deixar a raiva e a culpa e a curiosidade alheia para trás. Quase consigo sentir a sensação deliciosa dos meus músculos a queimar, a força e a doçura da adrenalina a percorrer as minhas veias enquanto me precipito para a beira e caio para o vazio. Sem aviso, a faísca turbulenta da Bree-de-Depois revira-se nas minhas entranhas como uma videira em chamas, mas desta vez não a afasto. Ela desenrola-se atrás das minhas costelas e a pressão quente que exerce é tão poderosa que me sinto prestes a explodir.

Parte de mim *quer* explodir.

— Se fosse a ti não o faria.

Uma voz seca atrás de mim sobressalta-me, fazendo alguns pássaros, escondidos na copa das árvores, voar ruidosamente em direção ao céu.

Não me tinha apercebido fosse de quem fosse a aproximar-se pela vegetação rasteira, mas há um rapaz alto, de cabelo escuro, descontraidamente encostado a uma árvore como se tivesse lá estado este tempo todo; tem os braços cruzados sobre o peito e botas militares pretas. A sua expressão ostenta uma mistura de preguiça com desdém, como se estivesse acima de tudo o resto.

— Desculpa-me pela interrupção. Parecia que estavas prestes a saltar de um penhasco. Sozinha. No escuro — entoa, pausadamente.

A sua beleza é desconcertante. Tem um rosto fino e aristocrático, emoldurado por umas maçãs do rosto pálidas e protuberantes. Tem o resto do corpo mergulhado nas sombras: casaco preto, calças pretas e cabelo muito preto encaracolado que lhe cai sobre a testa, logo abaixo das orelhas que sustentam uns pequenos alargadores de borracha preta. Não deve ter mais de dezoito anos, mas há algo nas suas feições que não parece natural para um adolescente — o formato do maxilar, a linha do nariz. A quietude.

O rapaz, que tem tanto de jovem como de velho, permite-me que o estude, mas apenas por uns instantes. Depois ergue o olhar fulvo em tom de desafio. Quando os nossos olhos se encontram, sinto um

choque pungente percorrer-me o corpo, da cabeça aos pés, deixando um rasto de medo.

Engulo em seco e desvio o olhar.

— Eu era capaz de saltar.

— Saltar de penhascos é asinino — escarnece.

— Ninguém te perguntou.

Tenho uma tendência para a teimosia que se agrava na presença de outras pessoas teimosas, e este rapaz é claramente uma delas.

Avanço para a sua direita. Ágil como um gato, ele tenta intercetar-me, mas desvio-me antes que ele me consiga alcançar. As suas sobrancelhas soerguem-se e o canto da boca estremece.

— Nunca te vi por aqui. És nova?

— Adeus. — Viro-me, mas ele apanha-me com um par de passos.

— Sabes quem sou?

— Não.

— Selwyn Kane.

O seu olhar lança pequenas faíscas invisíveis de eletricidade que me dançam pela bochecha. Retraio-me e ponho a mão no espaço entre nós, à altura do rosto, como um escudo.

No mesmo instante, uns dedos muito quentes e muito fortes fecham-se à volta do meu pulso. Sinto um formigueiro ao longo do cotovelo.

— Porque é que tapaste a cara?

Não tenho uma resposta para lhe dar. Nem a mim mesma. Tento libertar-me, mas o seu aperto é forte como ferro.

— Larga-me!

Os olhos de Selwyn arregalam-se ligeiramente, estreitando-se logo de seguida; não está habituado a que gritem com ele.

— Sentes… *sentes* alguma coisa? Quando olho para ti?

— O quê? — Puxo o braço, mas ele agarra-me sem esforço. — Não.

— *Não mintas.*

— Não estou a…

— Silêncio! — ordena. Sinto uma indignação refulgente a arder-me no peito, mas os seus olhos invulgares atravessam-me o rosto, apagando-a. — Que estranho. Achei que…

De repente, gritos invadem a noite, mas desta vez não vêm dos saltadores de penhascos. Ambos nos viramos na direção da floresta e para lá dela, para a festa na clareira. Mais gritos — e não são do tipo feliz e bêbedo.

Um rugido grave próximo do meu ouvido. Sobressalto-me quando dou conta de que o som vem do rapaz autoritário cujos dedos ainda me prendem o pulso. Enquanto perscruta as árvores, a sua boca curva-se num sorriso de satisfação, deixando à vista dois caninos que por pouco não lhe tocam o lábio inferior.

— Apanhei-te.

— Apanhaste quem? — indago.

Selwyn sobressalta-se, como se se tivesse esquecido da minha presença, e solta-me com um grunhido de frustração. Vira costas e corre floresta adentro, uma sombra silenciosa entre as árvores. Perco-o de vista antes de conseguir formular uma resposta.

Um grito penetrante ecoa da festa à minha esquerda. Vozes estridentes difundem-se dos saltadores de penhascos à minha direita, que correm agora também para a clareira.

O sangue congela-se-me nas veias.

Alice.

Com o coração a martelar-me no peito, corro até ao trilho, atrás de Selwyn, mas, assim que a densidade das árvores me envolve, a escuridão é tanta que o chão quase se torna invisível. Bastam três passos para tropeçar e cair violentamente num espinheiro. Os ramos esfolam-me as mãos e os joelhos. Trémula, respiro fundo duas vezes. Permito que a minha visão se ajuste. Levanto-me. Fico atenta ao som dos gritos dos alunos. Depois, com a adrenalina a percorrer-me as veias, corro cerca de oitocentos metros para a direita num ritmo veloz e cuidadoso, questionando-me *como raio* Selwyn se conseguiu deslocar tão depressa pela floresta sem uma lanterna.

Assim que chego à clareira, aos tropeções, a festa está um caos. Os alunos atropelam-se uns aos outros para atravessar o caminho estreito que vai dar ao terreno de cascalho onde os carros estão estacionados. Para lá das árvores, motores de carros ganham vida com rugidos que

crescem como uma onda. Dois tipos lutam para levantar os barris e metê-los na traseira das carrinhas, enquanto uma pequena multidão ao lado deles tenta ajudar, «aliviando» a carga ao beber diretamente da mangueira. Para lá do fogo, uma roda de vinte miúdos grita entusiasticamente, erguendo copos de bebida e telemóveis. O que quer ou quem quer que esteja a ver, não deve ser Alice. Ela viria à minha procura, tal como eu vim à procura dela. Pego no telemóvel, mas não tenho mensagens nem chamadas não atendidas. Ela deve estar em pânico.

— Alice! — Perscruto a multidão à procura dela, do rabo de cavalo e da *T-shirt* de Charlotte e do cabelo ruivo de Evan, mas não os vejo. Uma aluna encharcada e seminua passa por mim. — Alice Chen!

O fumo espesso da fogueira espalha-se pelo ar. Não vejo quase nada. Abro caminho pelos corpos suados e agitados, chamando por Alice.

Uma rapariga alta e loira franze a testa quando grito demasiado perto da sua cara, e eu respondo-lhe com a mesma expressão. A sua beleza assemelha-se a uma adaga bem cuidada — afiada, reluzente e pontiaguda. Um bocado presunçosa. Sem dúvida, o tipo de Alice. *Raios, onde* está *ela*…

— Saiam todos daqui antes que alguém chame a polícia! — grita a rapariga.

Polícia?

Olho para cima no exato momento em que o grupo dos copos de bebida se separa. Levo apenas um segundo a ver a causa dos gritos de há pouco e o motivo que levaria alguém a chamar a polícia: uma luta. Feia. Quatro rapazes enormes e embriagados a rolar amontoados no chão. Provavelmente, jogadores de futebol americano acabadinhos de sair da pré-temporada, movidos a adrenalina, cerveja e quem sabe mais o quê. Um dos gigantes tem a *T-shirt* de outro na mão, o tecido puxado de forma tão violenta que oiço a costura a rasgar-se. O terceiro está de pé, a preparar-se para dar um pontapé no estômago do quarto rapaz. É como ver uma luta entre gladiadores, só que, em vez de usarem armadura, estão cobertos de camadas de músculos, têm pescoços tão grossos como a minha coxa, e no lugar das armas balançam punhos do tamanho de toranjas. O furacão enevoado de terra que criaram

espalhou tanto fumo e pó no ar que quase não reparo na oscilação de luz e movimento por cima das suas cabeças.

Mas que?…

Ali! Lá está ela outra vez. No ar, por cima dos rapazes, há algo a tremeluzir e a dançar. Algo meio verde-prateado que desce, mergulha e oscila entre o visível e invisível, como um holograma avariado.

A imagem desperta uma memória. O resplandecer da luz… e a própria *sensação* que me arranca o ar dos pulmões.

Já vi isto antes, mas não me consigo lembrar de *onde*…

Viro-me, ofegante, para o aluno ao meu lado, um rapaz de olhos arregalados com uma *T-shirt* dos Tar Heels[3].

— Estás a ver aquilo?

— Referes-te àqueles idiotas a lutar por nada? — Mexe no telemóvel. — Sim, é por isso que estou a filmar.

— Não, a… a luz. — Aponto para o brilho. — Ali!

O rapaz observa o ar; depois olha para mim, intrigado.

— Andaste a fumar alguma coisa?

— Vá lá! — A rapariga loira abre caminho através do círculo de espetadores, interpondo-se entre os lutadores e a multidão, com as mãos nas ancas. — Vão-se embora!

O rapaz ao meu lado enxota-a.

— Sai da frente da câmara, Tor!

Tor revira os olhos.

— Tens de te ir embora, Dustin!

O seu olhar intimidante afasta a maior parte dos curiosos.

Aquela coisa ainda lá está, por cima da cabeça da rapariga loira. Volto a absorver a cena, com o coração a martelar-me no peito. Mais ninguém reparou na massa prateada que paira e esvoaça por cima das cabeças dos rapazes — ou isso, ou mais ninguém a consegue *ver*. Um medo petrificante invade-me o estômago.

O luto causa efeitos estranhos na cabeça das pessoas. Sei-o bem. Um dia, um par de semanas depois da morte da minha mãe, o meu pai disse que sentia o cheiro das suas polentas de queijo a cozinhar no fogão — o meu prato favorito e a especialidade da minha mãe. Uma vez, no

[3] Equipa de basquetebol masculina da Universidade da Carolina do Norte. (*N. da T.*)

meu quarto, ouvi-a cantarolar ao fundo do corredor. Algo tão simples e mundano, tão normal e pequeno que, por um momento, as semanas anteriores não passavam de um mero pesadelo, e eu finalmente acordara e ela estava viva. A morte funciona mais depressa do que a mente.

Exalo por entre as memórias, fecho os olhos com força, volto a abri-los. *Mais ninguém consegue ver isto*, penso, perscrutando o grupo uma última vez. *Ninguém*…

Exceto a figura que está do outro lado da fogueira, acomodada entre os troncos de dois carvalhos.

Selwyn Kane.

Ele olha para cima, concentrado. Irritado. Os seus olhos atentos também observam a figura que ora-está-ali, ora-não-está. Os seus dedos longos contorcem-se, os anéis de prata reluzem nas sombras. De repente, através dos fios de fumo que sobem em redemoinhos e ondas acima da fogueira, o olhar de Selwyn encontra o meu. Ele suspira. Suspira *mesmo*, como se, agora que a criatura holográfica está aqui, eu o entediasse. O insulto atravessa-me o medo. Sem desviar o olhar, faz um movimento rápido e brusco com o queixo e um estalo de eletricidade invisível envolve-me o corpo como uma corda e impele-me para trás — para longe do rapaz e da *coisa*. Puxa-me tão depressa e com tanta força que por pouco não caio. A sua boca mexe-se, mas não o consigo ouvir.

Resisto, mas a sensação da corda *reage* e a dor excruciante no meu corpo desabrocha numa única sentença:

Sai.

A palavra materializa-se na minha mente como se fosse uma ideia que eu tivera e simplesmente esquecera. A ordem fica forjada atrás dos meus olhos e ecoa como um sino nas profundezas do meu peito até se tornar na única coisa que consigo ouvir. Inunda-me a boca e o nariz com aromas vertiginosos — um pouco de fumo e depois canela. A *necessidade* de me ir embora satura-me o mundo até que me torna tão pesada que as minhas pálpebras cedem.

Quando volto a abrir os olhos, estou virada na direção do parque de estacionamento. No instante seguinte, já me estou a afastar.